

Joaquim Jaime B. _____
Ferreira-Alves

Cerimónias fúnebres por D. Pedro III (1786)

Cerimónias fúnebres por D. Pedro III (1786)

Por Joaquim Jaime B. Ferreira-Alves

Pelo Suplemento à Gazeta de Lisboa de 19 de Maio de 1786 (n.º XX) os portugueses foram informados da doença que se manifestara em D. Pedro III (1717-1786): «Hum susto geral tem consternados os ânimos de toda a Coité, e de toda a gente, pelo estado de moléstia em que se acha El Rei N. S.». O monarca tinha sido «accommetido d'alguns insultos paralyticos»¹. A grave doença que atingira D. Pedro III (Fig. 1) é noticiada a Carlos III (1716-1788), rei de Espanha, por D. Maria I (1734-1816). Em carta de 15 de Maio informa «que sobrevivera ao marido» uma «moléstia» que lhe tinha «embaraçado a fala por pouco tempo e o deixou frouxo»². Uma segunda carta dá mais pormenores sobre a evolução da doença: agravamento seguido de algumas melhoras³, que trouxeram algumas esperanças à Rainha. A rápida exacerbação da enfermidade de D. Pedro III levaram-na a escrever, a 21 de Maio, umas «poucas regras» a Carlos III para participar que «aumentandose m.to a moléstia d' El Rey meu querido Tio nos cauzo o receio de o perdermos, pode V. Mg. de considerar qual será a m.^a afflicção, mas façase a vontade de Deos»⁴.



Fig. 1 - D. Pedro III (Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, Colecção de Estampas, n.º 720).

A grande preocupação que afligia a Família Real passou a ser compartilhada por todos, aumentando-se as preces e as procissões pelas melhoras do monarca: «As deprecações pelo restabelecimento d' El Rey N. S. se continuão com o mais fervoroso zelo: todos os dias sahem Procissões de diversas Igrejas com as Imagens mais devotas, dirigindo-se humas para a Igreja Patriarcal, outras para a d'Ajuda: e sendo todas publicas demonstrações do quanto a vida de S. M. he geralmente interessante»⁵.

¹ , «Já no fim da semana passada foi S. M. accometido d'alguns insultos paralyticos, que se julgarão remediáveis com a extracção d'algum sangue por meio de bixas: o mal porém se tem aggravado esta semana. A Imagem do Senhor dos Passos da Graça, e outras devotas Imagens tem sido conduzidas em Procissão ao Paço: fazem-se preces em todas as Igrejas, e todos fazem votos pela preservação dos preciosos dias de S. M.».

² BEIRÃO, Caetano - D. Maria I 1777-1792. *Subsídios para a revisão da história do seu reinado*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1934, p. 319. Caetano Beirão refere um antecedente da doença que viti maria, mais tarde, D. Pedro III: «Pelo ofício de Fernan-Nufiez (Carlos Gutiérrez de los Rios, conde de Fernán-Núñez, embaixador de Carlos III em Lisboa) para Floridablanca (José Monino, conde de Floridablanca, ministro de Carlos III), de 26 de Julho de 1780, sabemos que o Rei teve nessa época um ameaço de congestão. Foi durante uma festa em Queluz, na qual se representou o drama em música, *Festoride o Argonauta*. Informa o diplomata que, a meio do espectáculo, D. Pedro sentiu «adormecim.to en una pierna y tal qual embarazo en la lingua». Não há duvida: era o primeiro ou um dos primeiros sintomas da doença que o vitimou».

³ *Idem, ibidem*, pp. 319-320.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 320.

⁵ Gazeta de Lisboa, n.º 21, 1786.Maio.23.

No dia 25⁶ morria D. Pedro III. Sobre o infausto acontecimento escreveu, no dia 27, a Rainha, a Carlos III: «Meu Tio do meu Coração. Rio Marquez de Louriçal (D. Henrique de Meneses (1727-1787), 3.º marquês de Louriçal e 7º conde da Ericeira) participei já a V. M. de a triste noticia da falta d'El Rey meu querido Tio e Espozo, não o podendo fazer logo por este modo achandome na gr.de afflicção q. V. Mg. de pode considerar e só poderá moderala conhecer q. Ds. N. S.r assim foi servido, e q. elle estará a sua vista p.la vida tão justa q. sempre teve, e cheia de virtudes, o q. serve de muita consolação»⁷. Assim em 25 de Maio de 1786 D. Pedro III terminou o último momento⁸ do «cycle humain individuel de la famille régnante»⁹, iniciando-se a partir desse momento os «apparati funebri»¹⁰.

442

Funeral e exéquias

1. Funeral

A morte de D. Pedro III foi «anunciada ao Público» de Lisboa, «desde o dia 25», pelos «sinos de todas as Igrejas desta Capital, e pelos tiros compassados da artilharia das fortalezas e navios»¹¹, manifestações «lúgubres» que se mantiveram até «a conclusão do enterro». No dia 26 «o Real cadáver, depois d'embalsamado, foi exposto com as insignias de Cavalleiro, e os criados da Casa Real lhe beijarão a mão». Na manhã do dia 27 colocaram-no numa sala do palácio, a «Real Barraca» da Ajuda (1756-1794), «sobre huma elevada eça, cuberta com hum panno de veludo preto, debaixo d'hum magnifico baldequim, sustentado por quatro columns, tendo á cabeceira hum altar, e aos pés a Coroa Real».

Colocado o cadáver na essa iniciaram-se as cerimónias religiosas que antecederam o enterro: «foi o corpo da Capella Patriarcal cantar na mesma sala o Officio e Missa, que celebrou o Excellentissimo Principal Mendoça¹²; e em sinco Altares, erigidos na sala immediata, se celebrarão Missas durante toda a manhã». Da parte de tarde «forão todas as Communiidades Religiosas, e o Clero, pelas suas respectivas Freguezias, cantar Responsorios na mesma sala, concluindo estas cerimonias as duas Basilicas».

⁶ «faleceo na noite de 24 para 25 deste mez ás 2 horas e 20 minutos». Segundo Supplemento à Gazeta de Lisboa, n.º XXI, 1786.Maio.27.

⁷ BEIRÃO, Caetano - ob. cit, p. 320.

⁸ «successo que causa num sentimento igual ao interesse que se havia tão geralmente manifestado pela conservação da sua preciosa vida: e que era bem devido as exemplares virtudes, que em todo o tempo que ella durou a tinham feito estimabilissima: mas tudo concorreo para fazer preciosa a sua morte na presença do Senhor: e se Portugal perde hum Rei virtuoso, deve consolar-se com a esperança do seu patrocínio diante do Omnipotente». Segundo Supplemento à Gazeta de Lisboa, n.º XXI, 1786.Maio.27.

⁹ BOITEUX, Martine - *Fêtes et traditions espagnoles à Rome au XVIII^e siècle*. In Barocco Romano e Barocco Italiano. Il teatro, 1'effimero, 1'allegoria. Roma/Reggio Calabria: Gangemi Editore, 1985, p. 121.

¹⁰ MOLI FRIGOLA, Montserrat - *Donne, candele, lacrime e morte: funerali di regine spagnole nell'Italia dei Seicento*. In Barocco Romano..., p. 135.

¹¹ «que tinham as suas bandeiras apanhadas, e as suas vergas em desordem». Gazeta de Lisboa. n.º 22, 1786.Maio.30.

¹² D. José Francisco Miguel António de Mendoça (1725-1808), eleito Patriarca de Lisboa em 5 de Agosto de 1786 e criado Cardeal em 7 de Abril de 1790. Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *História da igreja em Portugal*. PortoAisboa: Livraria Civilização-Editora, 1970, vol. III, p. 555.

À noite «os Sereníssimos Senhores Príncipe (D. José, Príncipe do Brasil) e Infante (D. João, futuro D. João VI), vestidos do mais pezado luto, com capas compridas, e fazendo visível nas demonstrações da sua mágoa o seu filial affecto, vierão acompanhar até a porta do Palácio o coipo de seu Augusto Pai, levando o féretro até o carro funeral as principaes pessoas da Nobreza». Colocado o caixão no carro fúnebre deu-se início ao cortejo que transportaria o defunto monarca para o panteão na igreja de São Vicente de Fora, que desempenhava as funções de igreja patriarcal desde 5 de Janeiro de 1772¹³. O préstito organizou-se da seguinte forma:

- 1? - Meirinho da Corte com os seus officiaes;
- 2? ~ Corregedores da Corte «e da Corte e Casa»;
- 3? - os «Titulus» e principais «Officiaes» da Casa Real «dous a dous todos de peza-do luto, com capas compridas, e cavallos cubertos de preto, levando de cada lado hum lacaio com archote»;
- 4? - a «Basílica Patriarcal, com tochas accesas, cantando Psalmos»;
- 5? ~ os criados «d'El Rei defunto»;
- 6? - o carro «funeral com o Real cadáver, sustentando d'ambos os lados o panno, que o cubria, huma fileira de moços da Camará a pé, acompanhada d'outra d'Archeiros»;
- T - dois carros «d'estado seguição o primeiro»;
- 8º - um coche de luto com o pároco e outros clérigos;
- 9º - os officiaes da Guarda Real.

443

Fechava este cortejo o «Duque General¹⁴ puxando pelos Regimentos de Cavallaria». Ao longo do percurso a tropa¹⁵ «guarnecia as ruas em alas» assim como «as Communidades e Clero com velas acezas». Conforme ia passando o enterro «os Regimentos se hião formando em acompanhamento».

Depositado o corpo de D. Pedro III «na Igreja Patriarcal com as ceremonias do costume», os dois Regimentos de Infantaria deram descargas, «que forão seguidas pelas d'artilharia do castello, dos navios, e das fortalezas, as quaes continuarão por grande parte da noite». Terminado o enterro, a esta «pompa fúnebre»¹⁶, seguiram-se cerimónias¹⁷ de respeito e sentimento que vão ter nas exéquias o seu momento mais elevado.

³ ALMEIDA, Fortunato de - ob. cit, vol. III, p. 11.

⁴ Deve tratar-se de D. Miguel Caetano Álvares Pereira de Melo (1765-1808), 5º duque de Cadaval, 7º marquês de Ferreira e 8.º conde de Tentúgal.

⁵ «que em todos os três dias se tinha conservado com as disposições de funeral».

⁶ «deixando toda esta pompa fúnebre huma viva impressão do quanto he grande a perda que se acaba d'experimentar». Gazeta de Lisboa, n.º 22, 1786.Maio.30.

⁷ «A 9 deste mez a Rainha N. Senhora, e mais Pessoas Reaes admittirão o Eminentissimo Nuncio Apostólico (Vicente Ranuzzi, arcebispo titular de Tiro) á audiência de pezames, depois da qual o Excellentissimo Embaixador d'Hespanha, e os outros Ministros Estrangeiros tiverão huma similhante audiência, assistindo os Camaristas, e principaes Officiaes do Palácio. No mesmo dia de tarde foi S. M. ao Convento do Coração de Jesus. A 11 forão as Senhoras da primeira Nobreza admitidas á audiência, e a beijar as mãos de S. M. e A A.». Gazeta de Lisboa, n.º 24, 1786.Junho.13.

2. Exéquias

Se, com o enterro, só a corte e a população de Lisboa puderam participar e assistir às cerimónias fúnebres com as exéquias, realizadas em muitas cidades e vilas do reino (onde incluímos os territórios ultramarinos¹⁸) e também nalgumas cidades europeias, os portugueses tiveram ocasião de acompanhar a Família Real no desgosto pela perda de D. Pedro III. Estas «fêtes funéraires» serviam para a «glorification des actions et des vertus»¹⁹ do príncipe e também unir num mesmo sentimento os portugueses à dinastia reinante. A Gazeta de Lisboa relata as cerimónias fúnebres realizadas em Lisboa, Monsaraz, Londres e Roma. Não se limitaram a estes quatro locais. A notícia do falecimento de um membro da Família Real era comunicado a todas as cidades e vilas com assento nas cortes, lugares onde se realizavam cerimónias fúnebres. Além das referidas na Gazeta de Lisboa, sobre as quais nos iremos ocupar, temos conhecimento do que se fez em Braga e no Porto.

Em Braga, «teve Exéquias em sua honra no dia 11 de Junho»²⁰. O arcebispo D. Gaspar de Bragança²¹ «mandou armar toda a Sé de negro e erguer uma Eça na Capela Mor. O Arcebispo assistiu às vésperas acompanhado do Cabido, Comunidades Religiosas, quarenta padres de sobrepelis e restante clero e Nobreza. No dia seguinte concluiu-se o Ofício pregando a Oração Fúnebre um filho do Conde dos Arcos que era sacerdote e vivia nos arredores de Braga»²².

No Porto, a notícia do falecimento de D. Pedro III foi levada à Câmara (vereação de 2 de Junho de 1786) por Francisco de Almada e Mendonça²³ onde apresentou a aviso régio²⁴ que comunicava o infausto acontecimento: «Foi Deos servido chamar a sua Prezença o Augustissimo Senhor REY Dom Pedro terseiro hontem vinte e sinco do corrente pelas duas horas e meya da madrigada (*sic*) e a RAINHA Nossa Senhora manda participar a todas as cidades, e villas que tem voto em cortes a noticia de tam grande perda; não só para que nella

⁸ Como aconteceu, a título de exemplo, com as exéquias feitas por morte de D. João V (1689-1750). SOARES, Ernesto - *As exéquias de D. João V*. Feira da Ladra. Lisboa. Vol. IV, n.º 4 (1932), pp. 145-154; SMITH, Robert C. - *Os mausoléus de D. João V nas quatro partes do mundo*. Lisboa: Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, tomo XXI, 2ª série, n.º 1, 1955; TEDIM, José Manuel - *Morte, poder e espectáculo barroco nas exéquias de D. João V*. In III COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, Évora-Cáceres, 21-24 Fevereiro 1995 -Actas. Évora: Universidade de Évora, 1997, pp. 71-77.

⁹ OECHSLIN, Werner e BUSCHOW, Anja - *Architecture de Fête. Uarchitecte comme metteur en scène*. Liège: Pierre Mardaga, 1987, p. 133.

²⁰ MILHEIRO FERNANDES, Maria Manuela de Campos - *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Braga: Universidade do Minho, 1997, vol. 1º, p. 191. Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade do Minho. Texto policopiado.

²¹ Arcebispo de 1758 a 1789. FERREIRA, J. Augusto - *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga (Sec. III -Sec. XX)*. Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1932, vol. III, pp.329-384.

²² MILHEIRO FERNANDES, Maria Manuela de Campos - ob. cit., p.191.

²³ «E logo nesta vereação apareceu o Dezembargador Corregedor e Provedor desta Comarca, e apresentou a carta, ou avizo régio, que participava a esta camará, o falecimento do Augustissimo Senhor Rey Dom Pedro terseiro ».Arquivo Histórico Municipal do Porto (A.H.M.P.), Vereações (1784-1786), Livro n.º 89, fls. 244-244v.

²⁴ «cujo theor hé o seguinte que abaixo vay tresladado por ordem deste Senado, e a própria tornou a receber o mesmo Dezembargador Corregedor da Comarca». A.H.M.P., idem, fl. 244v.

tomem aquella parte, que espera do seu zello, mas também para que em todo o reyno se tome luto por tempo de hum anno, seis mezes rigurozo, e seis aliviado: o que a mesma Senhora me manda participar a Vossa Senhoria para que assim o fassa executar nas terras que não tem voto em cortes, e nas dos donatários dessa comarca Vossa Senhoria o observará da mesma sorte, fazendo-o presente, como Provedor as camarás, para que ellas mandem fazer as demonstrasoens de sentimentos na mesma forma, que se praticou na occazião do falecimento do Senhor REY Dom Jozé primeiro, a excepsão de se quebrarem os escudos, e de todos os mais actos que somente convém á Real Soberana. Deos guarde a Vossa Senhoria. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda em vinte e seis de Mayo de mil setecentos oitenta e seis = Visconde de Villa Nova de Cerveira²⁵ = Senhor Corregedor da Comarca do Porto²⁶. Transcrito o aviso régio o «juiz e vereadores» ficaram a aguardar a «ordem mencinada»²⁷ no documento ainda que na mesma vereação ficasse decidido que se iniciassem os preparativos para as cerimónias fúnebres.

Na vereação de 7 de Junho²⁸ nada se refere sobre o assunto, realizando-se a nove uma vereação extraordinária²⁹ para ser apresentada uma provisão régia por Francisco de Almada e Mendonça e a partir dela definirem as cerimónias fúnebres. A provisão régia³⁰ estabelecia as regras do luto e mandava que se fizessem as manifestações do costume «de sentimento e luto», o que ficou estabelecido na mesma vereação na forma seguinte: saída do bando (constituído

²⁵ D. Tomás José Xavier de Lima Vasconcelos Brito Nogueira Teles da Silva (1727-1800), 12.º (ou 13.º) visconde de Vila Nova de Cerveira e 1.º marquês de Ponte de Lima.

²⁶ A H. M.P., idem, fl. 244v.

²⁷ «O que visto por elles juiz e vereadores detreminarão, que visto se dizer no avizo régio, que Sua Magestade mandava fazer a mesma participasão as camarás das cidades e villas que tem voto em cortes, de cuja clase hé esta cidade, se esperase pela nova ordem mencionada, e no entretanto se fossem fazendo os preparatórios necessários». A H.M.P., idem, fl. 244v.

²⁸ A H. M.P., idem, fl. 245.

²⁹ A H. M.P., idem, fls. 245-246v.

³⁰ «Dona Maria por Graça de Deos RAINHA de Portugal, e dos Algarves daquem e dalém mar em África Senhora da Guine etc. Faço saber a vos corregedor, e provedor da comarca do Porto: que Eu fui servida rezolver, que em de monstrasão do sentimento pela morte do Agustissimo Senhor REY Dom Pedro 3º meu muito prezado tio, e marido que Deos chamou a sua santa gloria; se suspendese o despacho dos tribunaes por oito dias, que principiarão nesta corte no dia vinte e seis do presente mês: que na corte e todo o reyno se tome luto por tempo de hum anno, seis mezes de capa comprida, e outros seis de capa curta; dispensando para o dito effeito na pragmática de vinte e quatro de Mayo de mil setecentos quarenta e nove: e que as mezas dos tribunaes se cobrisem de luto: o que vos participo para que assim se execute pelo que pertense a cabeça dessa comarca, e a todas as mais camarás da vossa jurisdição, para o que fareis expedir as ordens necessárias, e registar na camará dessa cidade. A, RAINHA Nossa Senhora o mandou por seu pelos ministros abaixo asinados do seu concelho e seus dezembargadores do Paço. André António de Almeida a fes em Lisboa a vinte e oito de Mayo de mil setecentos oitenta e seis. Gonçalo Jozé da Costa Sotto Mayor o fes escrever = Bartolomeu Jozé Nunes Cardozo Giraldes = Jozé Ricalde Pereira de Castro = Por avizo do Secretario de Estado dos Negócios do Reyno de vinte e sinco de Mayo de mil setecentos oitenta e seis, e Despacho do Dezembargo do Paço = Cumpra-se, e registece no livro competente da Camará, para o que se pasem logo as ordens necessárias, e o Senado da Camará mandara fazer as demonstrasoens do costume. Porto nove de Junho de mil setecentos oitenta seis = Doutor Almada». A. H.M.P., idem, fls. 245v.-246.

por: nove tambores de guerra, com as caixas cobertas de baeta, dois pífaros e o tambor mor, levando todos fumos nos braços; seis quadrilheiros «todos vestidos de preto com fumos cahidos mas sem capas»; o porteiro vestido de preto com capa comprida, o alcaide da cidade; o escrivão da vara; o meirinho e o escrivão da almotaçaria, «também vestidos de preto, com capas cumpridas, e fumos nos chapeos cahidos thé abaixo, e as varas pretas»); envio das cartas do costume ao Bispo, Governador, Cabido e às comunidades (ver Apêndice Documental); o corpo do Senado iria assistir às exéquias que nos dias onze e doze seriam organizadas pelo Bispo, «com luto rigurozo capas cumpridas, fumos cahidos thé o cham, e varas pretas; que fossem dois vereadores mais novos pedir os dois regimentos da guarnição desta cidade ao Excelentissimo General Governador das Armas deste partido para nos ditos dias assistirem e darem as descargas do costume e para satisfação das despesas e lutos se passassem os mandados sobre o tesoureiro da cidade³¹. Na vereação de 10 de Junho «se preparou o bando» que saiu pelas ruas públicas³², dando-se, no Porto, início às cerimónias fúnebres por D. Pedro III.

Como referimos a Gazeta de Lisboa relata as exéquias que se fizeram em Lisboa, Monsaraz, Londres e Roma. Fora de Portugal além destas duas cidades teriam sido feitas cerimónias fúnebres em Madrid, não só pelo próximo parentesco entre as duas famílias reais mas também por se encontrar na corte espanhola uma filha de D. Pedro III, a infanta D. Mariana Vitória Josefa (1768-1788), que tinha casado, em 1785, com o infante Gabriel António Francisco Xavier de Bourbon. A Gazeta de Lisboa de 22 de Agosto de 1786 (n.º 34), noticia que por: «motivo do falecimento do Rei de Portugal D. Pedro III., tio, e esposo da Rainha Fidelissima, sobrinha do nosso Soberano, ordenou S. M. se traga luto por seis semanas, a contar desde segunda feira passada; e que os Senhores Infantes D. Gabriel, e D. Marianna Victoria sua esposa, filha do defunto Monarca, o tragão por seis mezes, devendo nos três primeiros ser pezado».

Em Lisboa celebraram-se em várias igrejas «solemnes exéquias»³³ entre as quais mereceu uma especial referência as da Real Capela da Bemposta, realizadas nos dias 4 e 5 de Julho, e que contaram com a presença do Príncipe do Brasil, D. José (1761-1788), e do infante D. João (1767-1826). O edifício estava preparado para o «apparato fúnebre» - «a mais sumptuosa, e lúgubre decoração ornava toda a Capella» - desde o frontispício ao interior. Na fachada viam-se «engenhosos emblemas» que indicavam o «interessante objecto daquelle acto» e no interior levantaram um «soberbo cenotafio». O catafalco³⁴, «artificiosamente construido, sustentava o retrato de S. M. defunta, debaixo d'huma excellente peça d'arquitectura, elevada até o tecto da Capella, apoiando sobre quatro columnas, tudo ador-

³¹ A H. M. P., *idem*, fl. 246.

³² A H. M. P., *idem*, fi. 246v.

³³ «Nesta saudosa demonstração se distinguio a 21 do corrente a Irmandade de Santa Cecília, executando os melhores Professores, que a compõe a excellente musica que acompanhou este acto, a que assistirão pessoas da primeira qualidade, e hum numeroso e luzido concurso». Gazeta de Lisboa, n.º 30, 1786. Julho.25.

³⁴ «Il «catafalco» (parola dalla etimologia assai incerta) nasce nell' Europa dei Cinquecento per le esequie di imperatori e di monarchi, a partire da Carlo V». FAGIOLLO, Marcello - // *trionfo sulla morte. I catafalchi dei papi e dei sovrani*. In *La Festa a Roma dal Rinascimento ai 1870*. Torino-Roma: Editore da Umberto Allemandi & C. per J. Sands, 1997, vol. 2, p. 26.

nado de varias figuras douradas, e immensas luzes», no interior da capela, era sempre o melhor monumento/memória do monarca defunto. As cerimónias do dia 4 realizaram-se da parte de tarde: «cantou as Vésperas, e Matinas a Musica de S. M., officiando o Excellentissimo Principal Mendoça (D. José Francisco Miguel António de Mendoça), que «celebrou no dia seguinte Missa de Pontifical, cantada, pela mesma Musica: acabada esta, recitou o Reverendíssimo Fr. Joaquim Forjaz, Religioso Eremita de Santo Agostinho, huma eloquente, pathetica, e verdadeira Oração [...]. Outros quatro Excellentissimos Principaes. Com o Celebrante, officiarão depois nos Responsorios que cantou a Musica, e com que se concluiu este fúnebre acto»³⁵.

Pelo que referimos acerca do Porto, e pelo que a Gazeta de Lisboa³⁶ relata sobre o que se passou em Monsaraz, temos o esquema do que acontecia no reino em relação às cerimónias fúnebres relacionadas com a Família Real. Recebida pela câmara de Monsaraz a carta enviada pela Secretaria de Estado, comunicando «a triste noticia do falecimento do Senhor Rei D. Pedro III» e ordenando que se fizessem «as demonstrações de sentimento, que em taes occasiões» se costumam realizar, foram tomadas as primeiras medidas pelos senhores do senado mandando: «immediatamente publicar o luto, e dar pelos sinos do Conselho, que há naquella villa, repetidos sinaes, que durarão três dias, acompanhados pelos das Freguezias³⁷, e Convento dos Religiosos Agostinhos Descalços³⁸, a cujos Párcos e Prelado escreveo cartas d'Officio, rogando-lhes quizessem fazer as mesmas demonstrações, que também forão praticadas nas Paroquias do termo no mesmo dia, e á mesma hora, por haverem os respectivos Párcos recebido os competentes avisos, publicando-se igualmente naquellas freguezias o luto por Editaes».As exéquias foram marcadas para o dia oito de Agosto na igreja matriz, ricamente ornamentada para o efeito³⁹.No dia sete, «depois das Vésperas principiarão os sinos de toda a vila a fazer frequentes sinaes, que continuarão até o fim da acção do dia 8»,

³⁵ Supplemento à Gazeta de Lisboa, n.º XXVIII, 1786.Julho.07

³⁶ Segundo Supplemento à Gazeta de Lisboa, n.º XXXVI, 1786.Setembro.09.

³⁷ Carvalho da Costa refere as seguintes freguesias: «N. Senhora da Charidade na Aldeã do Reguengo, S. Pedro, S. Marcos, Santiago, & N. Senhora das Vidigueiras».COSTA, António Carvalho da (P.) - *Corografia Portuguesa*. Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868, vol. 2.º, p. 345.

³⁸ «Convento de Agostinhos Descalços da invocação de N. Senhora da Orada». COSTA, António Carvalho da - ob. cit, p. 345.

³⁹ «se mandou ornar toda ella com huma magnifica e fúnebre armação, erigindo-se hum soberbo Mausoleo, que cuberto d'hum elegante Pavilhão, cujas cortinas vinhão prender ás columnas, que estão abaixo do arco da Capella mór, fazia a vista mais pomposa, pelo gosto, e arquitectura com que estava lançado; fazendo sobresahirtoda aquella peça, além dos galões, varias molduras douradas, de que se achava revestida, e o retrato do dito Senhor Rei, feito a tintas escuras, o qual se via no frontespicio do Mausoleo, estando sobre o túmulo a Coroa e o Sceptro dourados, cubertos com fumos, e tudo com as luzes competentes. As columnas e meias columnas da Igreja, alem de se acharem cubertas de preto com galões de ouro, estavam ornadas de differentes esqueletos e caveiras, com dysticos latinos allusivos ao objecto da acção, com outras figuras das virtudes, e com duas tarjas, fazendo frente ao coro, em que se lião 18 Epigramas latinos; nos quaes se descrevião as virtudes do mesmo Senhor, a dor da Nação pela sua perda, e outros bellos pensamentos allusivos ao objecto de tão saudosa acção».

que foi preenchido pelo seguinte programa: missas de esmola⁴⁰; officio⁴¹ (cuja música, assim como a dos «Responsorios da Absolvição», foi feita, «de novo para servir na expressada acção (o que lhe deo o maior lustre)», pelo padre Francisco José Perdigão «Reitor do Seminário dos Meninos do Coro, e Mestre da Clastra, e Capella da Sé d'Évora»); missa seguida de oração fúnebre⁴² e absolvição, feita «por quatro Dignidades, que erão os quatro Ecclesiasticos mais dignos que ahi se achavão». Assistiu a esta «e a todas as mais ceremonias» o povo, «com velas⁴³», com a maior ordem⁴⁴ e as «mais vivas demonstraçoens de sentimento e saudade, e o mais profundo respeito para com as Pessoas de seus Soberanos e Principes, que sempre se augmenta mais, quando vem que por este modo se honra a sua memória».

Concluídos os relatos relacionados com exéquias feitas em Portugal a Gazeta de Lisboa noticia as cerimónias realizadas em Londres, onde na capela, «armada de preto», do ministro de Portugal foram celebradas exéquias, segundo o rito da Igreja Romana, com toda a pompa fúnebre que se usava em semelhantes ocasiões⁴⁵, e em Roma, esta em Maio de 1787 e cuja descrição pormenorizada podemos encontrar no Segundo Supplemento à Gazeta de Lisboa de 23 de Junho de 1787 (n.º XXV) e sobre qual nos vamos ocupar.

D. Maria I⁴⁶ incumbiu José Pereira Santiago, «Encarregado dos negócios de S. M.» junto da Santa Sé⁴⁷, de mandar fazer exéquias na igreja de Santo António dos Portugueses, como «em semelhantes occurrencias se costuma praticar». O encarregado dos negócios de Portugal entregou a direcção da «importante função» ao «célebre Architecto Antinori». Trata-se do architecto João Antinori⁴⁸ (Fig. 2), que segundo Cirilo Volkmar Machado «gosava em Roma d'huma certa reputação, e tinha bastantes discipulos»⁴⁹.

⁴⁰ «juntando-se todo o Clero da villa e termo, os Religiosos Descalços de Santo Agostinho, huma escolhida Musica de vozes, cravo, e rebecões, que se mandara vir d'Evora, depois de terem todos os Sacerdotes dito Missa d'esmola de 240 reis, que satisfez a Camará, pela alma do dito Senhor».

⁴¹ «se deo principio ao Officio, a que assistirão, além do povo, todas as pessoas pautadas da governança da mesma villa, de luto pezado, e o corpo da Camará, Official do Estandarte delia, e Almotaceis com capas compridas».

⁴² «Acabado o Officio, se celebrou a Missa, que cantou o Reverendo Reitor da Matriz, e depois delia recitou o Reverendo P. M. Fr. José Bernardo de Moraes Sarmento, da Ordem de S. Domingos, e Lente de Theologia no seu Convento da cidade d'Evora, huma muito eloquente Oração fúnebre, em que pintou com as cores mais vivas as virtudes do dito Senhor, e o justo motivo da dor que sofre a Nação na sua perda, de sorte que suscitando em todos a maior saudade, completou por tal forma a solemnidade da acção, que nada lhe faltou para entrar no numero das mais solemnnes que se tem feito por tão saudoso motivo».

⁴³ «que se distribuirão por todos com grande abundância».

⁴⁴ «sem que na grande multidão de gente que concorreo da villa, terras, e lugares vizinhos houvesse a menor desordem, havendo o Exceilentissimo General da Província, para o prevenir, concedido alguns soldados infantaria, que estiverão á porta da Igreja, e derão três descargas».

⁴⁵ Supplemento à Gazeta de Lisboa, n.º XXXI, 1786. Agosto.04.

⁴⁶ «Ainda não havia dez annos que a Real Igreja de Santo António em Roma se tinha visto ornada com lugrume pompa nas Exéquias do Senhor Rei D. José I, quando de novo se repete a 18 de Maio de 1787o mesmo fúnebre apparatus, por occasião da morte do Senhor D. Pedro III, havendo a Rainha Fidelissima, fervorosa, á imitação dos seus Augustos Antepassados, em fazer suffragios pela alma de seu defunto esposo».

⁴⁷ CASTRO, José (P.) - *Portugal em Roma*. Lisboa: União Gráfica S.AR.L, 1939, p. 361.

⁴⁸ Agradecemos ao nosso colega e amigo Prof. Doutor Agostinho Araújo as informações que nos deu sobre João Antinori.

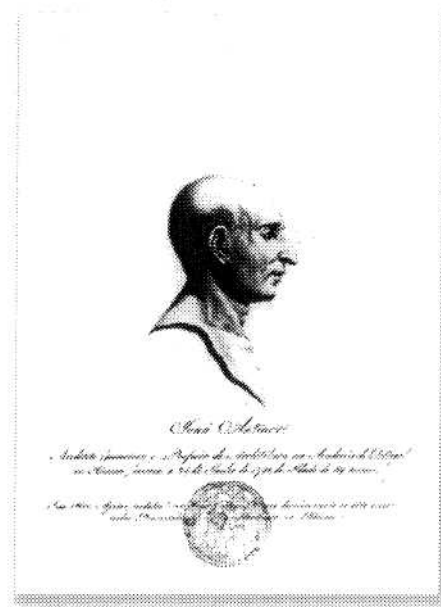


Fig. 2 - João Antinori
 (Reprodução de Luís Xavier da Costa - *Quadro Histórico das Instituições Académicas Portuguesas*.
 Lisboa: Imprensa Nacional, 1932)

O arquitecto foi responsável pela decoração da igreja e pela execução de «hum soberbo Mausoléu». O frontispício estava «armado d'huma maneira fúnebre» e tinha «hum grande Cartaz», com uma inscrição⁵⁰, posto entre «Reaes Armas e Trofeos, e sustido por duas figuras da Fama». O corpo da igreja foi ornamentado «de sorte que ficasse correspondendo com a Capella mor. Toda a cornija se vesti o de pannos pretos guarnecidos d'galões d'ouro e prata, com vivos de pelles de arminho, tendo em varias partes caveiras alatas. As duas ordens porém do zimbório, em vez de pelles de arminho, se achão guarnecidas de latas de prata; e os quatro medalhões se achão também ornados com bellas franjas, tendo cada hum no meio

⁴⁹ MACHADO, Cyrillo Volkmar - *Collecção de Memórias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*. Lisboa: Na Imp. De Victorino Rodrigues da Silva, 1823, p. 192.

⁵⁰ *Petro III. Lusitaniae Regi Fidelissimo*
Pio Felici Augusto
Comita te Modestia Liberalitate
Principi incomparabili
De omnibus optime, & insigniter Mérito
Suprema Pietatis officia
Communi omnium ordiman lu&tu
ac mocre
Lugubri pompa ritepieque
Perfolvuntur.

huma caveira dourada com azas. Daqui sobe o panno preto ricamente ornado com franjas d'ouro e prata, o qual, depois de ter guarnecido as janellas superiores, continua pellas paredes e pilastras, as quês todas se achão ornadas com vistosos troféos militares sostidos por emblemas da morte». Nos arcos «de cada huma das seis Capellas menores se vê hum decoroso monumento dos Régios fastos, pintados a sombras em huma grande larga oval, sostida por esqueletos, e ornada de pannos pretos e pelles d'arminho. Em cada huma destas ovaes se acha exprimida alguma gloriosa acção do defunto Monarca com sua inscripção»:

1ª - a felicidade que resulta aos portuguezes as núpcias celebradas entre os príncipes de Portugal e Espanha

450

Regalibus Connubiis Inter Inf
itaniae Hifaniaeque Pincipes
Inviean celéhratís
Publica, par ta felicitas
Infaurata Regnorum concórdia.

2ª - a religiosa munificência de D. Pedro III para com o Priorado do Crato

Cratanfem Pr dor atum milium
jvfelitanf ium p^itus
Per dele&tos Sacerdotes perMtrari juf flt
Quaeque decori Domus Dei ac Fidelium
Saluti cfeef le corperta funt,
Magnífica fuppeditanda cura\át

3ª - o grande zelo «com que S. M. expedia Missionários a todos os Estados, ainda aos mais remotos da Coroa Portugueza»

SaLlicLtLB Populorum fuorum faliids
Catholicae Fidai Rraecones
3h remotas ufque fuae ditionis gentes
Sumptui quanvis rragno
Minime parcans áLLega\át.

4ª - a régia liberalidade para com o «Convento das Religiosas Teresias Descalças»⁵¹

Ad Sacrum Vrgínium Tberá:iani
MííJbJi
Meaberium conftruendum
Solum libere dcnivit
Eique afcfolvendo munif iças rranus
iilrFrrTHtTPr exteldit.

⁵¹ Real Basílica e Mosteiro do Santíssimo Coração de Jesus em Lisboa (Basílica da Estrela).

Os outros dois arcos das últimas capelas, «por estas se acharem tomadas com o Coreto da Musica», não «derão lugar senão a duas ovaes: em huma destas se via a justiça abraçada com a paz; e na outra a Religião entre dous meninos, hum dos quaes sostinha as taboas de Moysés, e o outo o Evangelho: o que celebrava a summa piedade da falecida Monarca, e a tranquillidade dos seus Estados».

No meio do coreto via-se um medalhão, «o qual tanto com a pintura, como com a inscripção, suggeria a idéa da felicidade que resultou a Portugal do consorcio da Rainha Fidelissima com o defunto Monarca, effeituado a votos de toda a Nação: a letra, que he allusiva, tanto ao Desposorio, como a Acclamação, diz»⁵²:

PETRUS III. A MARIA FRANCISCA
LUSITANIE REGINA
IN TORI JAM COMMUNIONEM
ET CONSORTIUM ADSCITUS
SE REGEM OSTENDIT
MAXIMIS ETIAM REGIBUS
AEQUIPARANDUM .

Se, desde a fachada ao interior da igreja encontramos toda uma decoração alusiva à memória de D. Pedro III, aquela atingiu a expressão máxima no «soberbo Mausoléu» levantado «debaixo do zimbório». Tinha a forma de «hum Templo esférico, composto de peças adequadas ao mesmo, todas fingindo nas suas pinturas os mais excelentes mármorees, com ornatos de metal dourado em todas as suas convenientes partes». Várias figuras alegóricas enriqueciam o catafalco:

- as quatro partes do Mundo (Europa, África, Ásia e América)
«estatuas alusivas ás quatro partes da terra, visto extender a Coroa de Portugal o seu dominio em cada huma delias. As ditas estatuas assentao sobre quatro resaltos, que nascem dos quatro pés do Mausoléu»;
- as quatro Virtudes Cardeais (Força, Justiça, Prudência e Temperança)
«sobre cuja cornija nos quatro ângulos estão as quatro virtudes Cardeaes»;
- a figura do Tempo
«e no remate, que he por forma octangular, se vê a figura do tempo».

Com estes elementos decorativos estava completa a estrutura exterior do catafalco, «em cuja arquitrave interior, se finge porfido vermelho, se lê em letras d'ouro: PETRUS III. PORTUGALLIAE, ET ALGARBIORUM REX».

No interior deste catafalco via-se, «no meio do espaço superior sobre hum plano elevado com sinco degraos», um «vaso cinerado cuberto artificiosamente de huma rica seda, cujo plintho serve de assento a hum menino, que com hum ar triste tem os olhos fitos no Sceptro, e nas Insignias das Ordens Militares, que sustenta nas mãos: outro menino seu companheiro posto em pé sobre a almofada sostem a Coroa».

⁵² «Todas as referidas inscripções forão elegantemente compostas pelo Abbade D. Jacomo Zagheti, Capellão Beneficiado de Santa Maria Maior de Roma».

Nos quatro ângulos do cruzeiro foram colocados quatro obeliscos de «porfido verde» que representavam «as imagens dos Soberanos⁵³ de Portugal da Real Família de Bragança, Antepassados do defunto Rei; e isto para excitar a sua gloriosa memória». Finalmente na parte superior do «arco presbyteral»⁵⁴ foi colocado o retrato de D. Pedro III «sostido por dous Génios alatos no meio d'hum rico pavilhão, ornado pela parte de dentro com pelles de armi-nho, e pendente d'hum magestosa Coroa Regia».

O catafalco - «castrum doloris» - levantado na igreja de Santo António dos Portugueses em Roma para as exéquias de D. Pedro III, segundo um projecto de João Antinori, com a sua estrutura de planta centrada circular, lembra, pela forma, o que foi levantado na mesma igreja para as exéquias de D. Pedro IP⁵ (o D. João V tinha uma «figura ovada»⁵⁶) e insere-se numa vasta tipologia que seguiu a moda e o gosto das diversas épocas⁵⁷ e que tem como ponto de partida aquele que o imperador Carlos V (1500-1558) mandou levantar em Bruxelas, em 1516, para as cerimónias fúnebres em memória de seu avô Fernando (1452-1516), rei de Aragão e Castela⁵⁸, que pela sua composição monumental e alegórica se afastava da forma primitiva de catafalco⁵⁹, a «chappelle ardente», que vemos numa gravura quinhentista que representa o catafalco levantado para o duque João Guilherme, em Dusseldórfia, em 10 de Março de 1592⁶⁰.

Terminada a descrição da decoração da igreja de Santo António dos Portugueses a notícia da Gazeta de Lisboa refere ainda a iluminação⁶¹ da mesma e as cerimónias realiza-das: a missa de Requiem «em que officiou pontificalmente Monsenhor Passari, Arcebispo de Larissa, e Vice-regente do Eminentissimo Cardeal Vigário de Roma»; a elegante Oração Fúnebre⁶² proferida pelo reverendo Gregório Pedro Pereira, «Doutor da Universidade de Coimbra, e Director da sobredita Igreja, e Casa de Santo António» e as cinco absolvições do costume, «á roda da grande eça», feitas pelos «Monsenhores Mattei, Volpi, Buschi, e Christiani, paramentados com pluvias pretos, e Mitras brancas, juntamente com o Monsenhor

⁵³ «Por baixo da primeira figura se lê: JOSEPH I FRATER. Debaixo da Segunda: JOANNES V. AMEORUM PATER. Debaixo da terceira: PETRUS II. AVOS. Debaixo da quarta: JOANNES IV. ABAVOS».

⁵⁴ Arco cruzeiro.

⁵⁵ TEDIM, José Manuel - *Cario Fontana e as exéquias de D. Pedro II na igreja de Santo António dos Portugueses em Roma*. In I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO - Actas. Porto: Reitoria da Universidade do Porto/Governo Civil do Porto, 1991, vol. II, pp. 503-518.

⁵⁶ FERRARIS, Paola - *I funebri regaii in S. António dei Portoghesi: due schede*. In Giovanni V di Portogallo (1707-1750) e la cultura romana dei suo tempo. Roma: Argos Edizione, 1995, p. 286.

⁵⁷ Ver as tipologias dos catafalcos papais apresentadas por Marcello Fagiolo no artigo referido na nota 35.

⁵⁸ OECHSUN, Werner e BUSCHOW, Anja - ob. cit, p. 133.

⁵⁹ «Il s'agissait d'une construction en bois de forme rectangulaire allongée, dont les quatre poteaux suppor-taient un toit pique de bougies». Iderm, *ibidem*, p. 133.

⁶⁰ idem, *ibidem*, p. 134.

⁶¹ «A pasmosa quantidade de cera que houve na iluminação, tanto da Igreja, como do Mausoleo, foi repart ida pelo sobredito Arquitecto, com huma symmetria proporcionada a hum apparatus fúnebre tão magestoso: além disso fez-se huma notável distribuição de cera pelo grande numero de Cardeaes, e Prelados, que assistirão a Missa de Requeie».

⁶² «que mereceo o applauso de todo o auditório».

Celebrante»⁶³. A cerimónia contou com a presença de numerosas figuras da Igreja, do corpo diplomática, da nobreza⁶⁴ e «grande multidão de povo»⁶⁵.

No mesmo dia, terminada a «função»⁶⁶, o Pontífice Pio VI⁶⁷, «desejoso de mostrar o seu affectuoso, e religioso ardor para com S. M. R», deslocou-se à igreja de Santo António dos Portugueses onde foi recebido pelo cardeal Corsini e por José Pereira Santiago. Depois de ter orado na capela do Santíssimo Sacramento, «em suffragio pela alma do defunto Monarca», foi ver o «sumptuoso aparato fúnebre, a cujo respeito testemunhou a sua satisfação».

Com as exéquias de Roma, terminavam as cerimónias fúnebres em honra de D. Pedro III, que antecederam novos lutos da Família Real: os falecimentos, em 1788, de D. José, Príncipe do Brasil, em 11 de Setembro e de sua irmã D. Maria Vitória Josefa, em 2 de Novembro. Duas ocasiões para demonstrações de sentimento e lealdade dos povos em relação à dinastia de Bragança como acontecera com a morte do marido de D. Maria I.

⁶³ José de Castro indica outro celebrante e outro responsável pela oração fúnebre: «Foi Mons. Volpi, arcebispo de Neocesarea, que celebrou pontifical, e a oração fúnebre foi pronunciada pelo Padre Aurélio Gama, clérigo dos Menores Reformados, e professor de Filosofia Moral no Arquignásio Romano. O arcebispo celebrante foi acolitado por quatro respeitáveis sacerdotes portugueses: Padre Manuel Lopes, penitenciário da noção na Basílica Vaticana, o irmão Padre Lopes, ex-provincial dos Menores Conventuais, o Padre Francisco Gomes, da Congregação do Oratório de Lisboa, e o ex-prior Lemos, dos Agostinhos e confessor do Cardial Rannuzzi». CASTRO, José de (P.) - ob. cit, p. 37.

⁶⁴ «Assistirão a esta função 21 Cardeaes, hum grande numero de Prelados, e os Geraes e Procuradores Geraes das Religiões. No primeiro Coreto, além de todo o Corpo Diplomático, estiverão o Cardeal de Bernis, o Duque de Braschi Onesti, e o Marquez Santini; e no segundo estiverão algumas Senhoras, tanto Romanas, como Estrangeiras, as quaes todas forão recebidas, e cumprimentadas pelo Encarregado dos Negócios de Portugal».

⁶⁵ «Para conservar a boa ordem, e a grande multidão de povo que concorreo, tanto dentro, como a todas as portas da Igreja, estava posta a Guarda Suissa de S.S. além de se acharem os Granadeiros Corsos postados em todas as ruas, que vão dar á mesma Igreja».

⁶⁶ José de Castro informa que foi antes das exéquias: «E foi nesse dia que o Pontífice Pio VI veio a S. António dos Portugueses, antes das exéquias por D. Pedro III, sendo recebido pelo encarregado de negócios e pelos governadores, e desfolhou largos elogios à riqueza e ao gosto com que tudo se fizera e tudo estava». CASTRO, José (P.) - ob. cit, p. 38.

⁶⁷ O cardeal Giovanni Angelo Braschi foi eleito Papa em 15 de Fevereiro de 1775 e morreu em 29 de Agosto de 1799. Cf. RENDINA, Cláudio - *I papi Storia e segreti*. Roma: Newton & Campton editori, 1996, pp. 741-747.

Apêndice documental

Cartas enviadas pela Câmara do Porto devido ao falecimento de D. Pedro III

«Resposta da carta do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo.

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Participa-nos Vossa Excelência que na tarde do dia honze do corrente havia de dar principio as exéquias do Augostissimo Senhor Rey Dom Pedro 3.º. Esta obzequioza participasão deixa certa a nossa asistencia, que será formalizada com a cerimonia devida a tam fúnebre, e respeitozo acto, no que não só manifestaremos o devido sentimento, que consagramos a saudoza memória de hum tam grande Príncipe, mas quanto nos hé agradável comprazer com a vontade, e preceitos de Vossa Excelência.

Deos guarde a Vossa Excelência muitos annos. Porto em camará 9 de Junho de 1786.

Francisco de Almada e Mendonça

António Jozé Coelho

Jozé Pamplona Carneiro Rangel

Luis Brandão de Melo Pereira de Lacerda

António de Melo Corrêa

D. Manoel de Noronha de Menezes da Mesquita e Melo

Jozé Pedro Antunes Pereira.

Carta que se escreveo ao mesmo Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Por ordem de Sua Magestade dirigida ao Dezembargador Corregedor, e Provedor desta comarca, se nos participa, e fas por em excusão o luto de hum anno, seis mezes rigurozo, e outros seis aliviado, e que se fassão todas as demonstrasoens de sentimento pela infausta noticia da lamentável morte do Augostissimo REY Dom Pedro 3º. Pomos na prezença de Vossa Excelência esta participasão, e que a fazemos executar no dia de hoje pelas honze horas da manhan, detreminando por bando publico fazer certa esta esta (sic) noticia, e obrigasão do luto, no que esperamos Vossa Excelência nos auxilie este incomparável sentimento com as demonstrasoens do costume e que nos de os seus preceitos. Deos guarde a Vossa Excelência muitos annos. Porto em camará 10 de Junho de 1786. António Jozé Coelho

Jozé Pamplona Carneiro Rangel

Luis Brandão de Mello Pereira de Lacerda

António de Mello Corrêa

D. Manoel de Noronha de Menezes da Mesquita e Mello.

Carta para o Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

Sua Magestade foi servida derigir ordem ao Dezembargador Corregedor, e Provedor desta comarca, para a participasão do luto de hum anno, seis mezes rigurozo, e seis mezes aliviado, cuja ordem se fes registrar nos livros desta Camará; e igualmente por em execusão as devidas demonstrasoens de sentimento do Augostissimo REY o-Senhor Dom Pedro 3^o o que fazemos publico por bando a todos os habitadores desta cidade; o que pomos na prezença de Vossa Excelência dezejando em tudo mereser-lhe a sua aprovasão. Deos guarde a Vossa Excelência muitos annos. Porto em camará 10 de Junho de 1786 António Jozé Coelho Jozé Pamplona Carneiro Rangel Luis Brandão de Mello Pereira de Lacerda António de Mello Corrêa D. Manoel de Noronha de Menezes da Mesquita e Mello.

455

Carta para o Ilustrissimo e Reverendissimo Cabbido

Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor

Pelas honze horas da manhan do presente dia se dá principio as devidas demonstrasoens de sentimento pela morte do Augostissimo REY o Senhor Dom Pedro 3^o cuja infausta noticia nos foi participada por ordem Regia. Nos a fazemos presente a Vossa Senioria na certeza em que estamos da companhia, que nos hão de fazer neste sentimento. Protestando a Vossa Senioria a nossa fiel venerasão, e sermos obzequiozos no serviso de Vossa Senioria. Deos guarde a Vossa Senioria muitos annos. Porto em camará 10 de Junho de 1786

António Jozé Coelho

Jozé Pamplona Carneiro Rangel

Luis Brandão de Mello Pereira de Lacerda

António de Mello Corrêa

D. Manoel de Noronha de Menezes da Mesquita e Mello.

Copia das cartas das commuidades

Hoje des do presente mês se principião as demonstrasoens de sentimento pela morte do Augostissimo Senhor REY Dom Pedro 3^o o que participamos a Vossa Reverendissima para nos acompanhar com todas as que são indispensáveis em semelhantes occasioens.

Deos guarde a Vossa Reverendissima. Porto em camará 10 de Junho de 1786

António Jozé Coelho

Jozé Pamplona Carneiro Rangel

Luis Brandão de Mello Pereira de Lacerda

António de Mello Corrêa

D. Manoel de Noronha de Menezes da Mesquita e Mello».